

Wellington Gil Rodrigues¹
Rosilene da Silveira Santos Motta²

RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DA FACULDADE ADVENTISTA DE FISIOTERAPIA (FAFIS)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as relações entre ciência e religião na perspectiva dos professores da FAFIS. A base teórica para a pesquisa foi encontrada em Ian Barbour, o qual, através da tipologia quádrupla de relações entre ciência e religião (Conflito, Independência, Diálogo e Integração) deu-nos as ferramentas conceituais para classificar essas relações. A pesquisa teve uma abordagem quantitativa e como instrumento principal foi utilizado um questionário estruturado com seis perguntas fechadas sobre os temas: existência de Deus, origem do universo, origem da vida no planeta Terra e origem do homem. Cada pergunta possuía quatro alternativas de resposta, sendo que uma das possíveis respostas estava relacionada a uma das categorias de Barbour. Concluímos que o principal concorrente da visão criacionista é o evolucionismo teísta, fazendo-se, portanto, necessário entender as implicações teológicas desse conceito a fim de elaborar uma teologia consistente para responder aos desafios que a ciência apresenta ao pensamento cristão.

Palavras Chave: Ciência. Religião. Ian Barbour. FAFIS.

ABSTRACT

This article aims to investigate the relationship between science and religion in the perspective of teachers of FAFIS. The theoretical basis for the research was found in Ian Barbour, who through category quadruple of relations between science and religion (Conflict, Independence, Dialogue and Integration) gave us the conceptual tools to classify those relationships. The research was a quantitative approach and as the main instrument used was a structured questionnaire with closed ques-

¹ Mestre em Educação (UFMA), Professor de Ciência e Religião nas Faculdades Adventistas da Bahia e Coordenador do Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NE-CIR) do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (PIC-FAENE), e-mail: wellgil2000@hotmail.com

² Pedagoga, Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (PIC-FAENE)

tions on six topics: the existence of God, origin of universe, origin of life on planet Earth and origin of man. Each question had four options for response, each of which related to a category of Barbour. We conclude that the major competitor to the literal creationist account of the origins is the Theistic Evolutionism. Therefore it is necessary to understand the theological implications of this concept to develop a consistent theology to meet the challenges that science poses to Christian thought.

Key Words: Science. Religion. Ian Barbour. FAFIS.

INTRODUÇÃO

Através dos séculos, e principalmente a partir da Revolução Científica do século XVI, cientistas, teólogos e o público em geral têm compartilhado várias dúvidas a respeito das implicações das verdades científicas na fé religiosa, de Galileu e Newton (séculos XVII) a Darwin e Richard Dawkins (séculos XIX e XXI); ciência e religião têm tanto dado as mãos como disputado pela explicação das questões fundamentais da humanidade. Nessas tentativas de explicação da realidade, essas duas áreas do conhecimento têm geralmente sido vistas como inimigas empenhadas num combate mortal pela posse dos corações e mentes do público, obviamente incentivadas pela mídia, que tem mais a ganhar com a polêmica do que com a concordância.

As relações entre ciência e religião geralmente tendem a ser percebidas através de uma ótica dicotomizada, a partir da qual tendemos a construir nossa visão de mundo: os de princípios científicos de um lado e os religiosos, de outro. Os inúmeros avanços da ciência ajudaram a estabelecer a imagem do conhecimento científico como algo quase incontestável, o que provoca em muitos professores uma postura fechada em um cientificismo radical; outra ala responde com um fundamentalismo religioso, colocando em choque essas duas cosmovisões.

No Brasil, a imagem da guerra entre ciência e religião foi alimentada pelas discussões geradas pelo Governo do Rio de Janeiro, o qual em 2004, através da Secretaria de Estado da Educação, determinou que as escolas públicas deveriam promover reflexões sobre a criação do mundo por meio de uma abordagem criacionista. Essa política conduzida pelo casal garotinho, ambos evangélicos, gerou uma série de debates e protestos por parte de cientistas e políticos, os quais foram amplamente divulgados pela mídia, o que contribuiu para alimentar a polêmica. Tome-se como exemplo o título da reportagem da revista *Época* de 24/05/04 “Rosinha contra Darwin: Governo do Rio de Janeiro institui aulas que questionam a evolução das espécies”. Sobre esse caso, política, religião e ciência foram invocadas para explicar o que estava

ocorrendo no Rio. Uma das críticas à proposta do Governo Fluminense era o temor do surgimento de uma competição pela verdade entre os professores de biologia e professores de religião sobre o surgimento da vida, ou seja, que fosse reacendido pela fogueira estatal o velho debate entre criacionismo e evolucionismo.

Nesse contexto de posições antagônicas, surgiram tentativas de solução da polêmica, geralmente apelando para um entendimento da natureza distinta dessas duas interpretações de mundo, ou seja, de que ciência e religião não devem estar no mesmo plano, já que pertencem a contextos diferentes, que o pressuposto da ciência é a dúvida e que a religião é uma questão de fé.

Principalmente depois da publicação de “Origens das Espécies”, em 1859, cientistas e religiosos têm se digladiado numa luta que envolve não só o amor ao progresso da ciência ou o amor ao progresso do evangelho com sua mensagem de Deus como criador e salvador da humanidade, envolve também relações de poder, poder de definição, de nomeação sobre os próprios conceitos do que seja ciência legítima e do que seja religião, poder para definir as fronteiras entre essas visões de mundo e para legitimá-las e deslegitimá-las conforme os interesses dos grupos que as mantêm.

No entanto, a partir dos últimos 50 anos, vários teóricos de vertentes científicas e religiosas têm se empenhando em aproximar essas duas áreas visando com isso oferecer um quadro mais amplo de explicações e tentando se beneficiar das análises desses campos até então vistos como competidores ou incomunicáveis.

Entre os construtores de pontes entre ciência e religião destaca-se a obra pioneira de Ian G. Barbour, físico e teólogo, professor de física e religião no conceituado Carleton College em Northfield, Minnesota (EUA), ele foi o primeiro a lançar as bases dessa aproximação propondo na obra “Religion in an Age of Science”, de 1990, a que hoje é reconhecida como uma clássica tipologia quádrupla de relações entre ciência e religião.

O modelo de Barbour é composto por quatro categorias principais: Conflito; Independência; Diálogo e Integração. Com base nessas categorias construímos um questionário a fim coletar informações que nos guiassem na resposta ao seguinte problema: Quais as perspectivas dos professores da Faculdade Adventista de Fisioterapia (FAFIS) sobre as relações entre ciência e religião? Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar as perspectivas dos professores da FAFIS sobre as relações entre Ciência e Religião segundo as categorias de Ian Barbour.

As relações entre ciência e religião são realmente complexas, e a fim de promover abertura intelectual e postura crítica em relação a essas questões, o Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NECIR) do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (PIC-FAENE) promoveu uma pesquisa com os professores da Faculdade Adventista de Fisioterapia (FAFIS), no intuito de analisar suas perspectivas sobre as relações entre a ciência e religião, e assim também contribuir para o enriquecimento desse debate tão pertinente numa instituição acadêmica de cunho confessional.

A FAFIS foi selecionada como local da pesquisa porque é um curso da área classificada como ciências da saúde, e mais próximo, portanto, das ciências biológicas, as quais têm sofrido o maior impacto das teorias científicas sobre a fé religiosa. Tome-se como exemplo as questões relativas à bioética. Entendendo-se que a FAFIS faz parte da organização religiosa Adventista, a qual adota uma filosofia religiosa própria que dá ênfase a uma visão centrada na Bíblia e, que a composição de seu quadro de professores adventistas e não adventistas é de 56% e 44% respectivamente, consideramos importante investigar qual a perspectivas de seus professores sobre as relações entre ciência e religião, se apontam para relações de conflito, de independência, de diálogo ou de integração.

Em face da magnitude dessas questões e a modesta produção teórica sobre o assunto no Brasil, torna-se urgente a produção de conhecimentos que possibilitem uma reflexão crítica sobre os pressupostos históricos e filosóficos da interação entre ciência e religião.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser classificada como exploratória, já que permitiu maior familiaridade com o tema, e, também, como descritiva, pois visou descrever as características do objeto de estudo.

Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, pois se constituiu a partir da análise de material já publicado, principalmente de artigos científicos e livros, e também como pesquisa de campo. Quanto à abordagem, a pesquisa é quantitativa, pois procurou traduzir em números opiniões e informações para em seguida classificá-las e analisá-las. A pesquisa foi realizada na Faculdade Adventista de Fisioterapia, situada no município de Cachoeira, BA, na região do Recôncavo Baiano. A população compôs-se do corpo docente da Faculdade Adventista de Fisioterapia, hoje com por 32 professores, caracterizando a pesquisa como censitária. O único critério de exclusão foi a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O principal instrumento de coleta de dados foi um questionário contendo 6 perguntas de múltipla escolha

versando sobre os temas: surgimento do homem; origem do universo; existência de Deus; origem da vida no planeta terra; origem do homem e uma pergunta aberta tratando sobre a visão criacionista adotada pela instituição de ensino.

A coleta de dados foi realizada pelos alunos-pesquisadores do Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NECIR) do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (PIC-FAENE), através da aplicação de questionários aos professores da FAFIS no período de abril a junho de 2008.

Os dados coletados foram tabulados e transformados em gráficos através do programa Excell e, em seguida, submetidos a uma análise estatística e confrontados com a teoria. Para melhor compreendermos as categorias utilizadas no questionário aplicado aos professores apresentaremos a seguir um breve resumo de cada um dos tipos de relações possíveis entre ciência e religião e sua ligação com o tema de estudo.

TIPOS DE RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO SEGUNDO IAN BARBOUR

A imagem de “guerra” entre ciência e religião é a mais recorrente no imaginário popular uma vez que a mídia se encarrega de apresentar em letra grande todas as polêmicas envolvendo os polos da ciência e religião, segue-se que a primeira categoria é a do Conflito. Curiosamente, os dois grupos responsáveis pela polêmica são concordantes no que tange ao uso da metáfora da guerra, pois ambos assumem que ciência e religião são inimigas, que não há terreno comum que possibilite negociações e tratados de paz. Por um lado temos os religiosos fundamentalistas, que não aceitem a teoria da evolução como explicação legítima para a origem do homem, e por outro lado, os cientistas ateus, que consideram a teoria da evolução como a prova da inexistência de Deus. Nota-se, claramente, que o conflito se estabelece como tipo de relação quando existem posições radicais, extremas e opostas sobre determinados temas, conforme nos afirma Barbour:³

[...] tanto o materialismo científico quanto o literalismo bíblico alegam que a ciência e a religião têm verdades literais e rivais a afirmar sobre o mesmo domínio (a história da natureza), de modo que é preciso escolher uma delas. Convergem ao dizer que ninguém pode acreditar em evolução e em Deus ao mesmo tempo. Cada um dos dados ganha adeptos, em parte, por opor-se ao outro, e ambos utilizam uma retórica de guerra.

³ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 25

Analisando essas relações Alister Macgrath⁴ comenta:

“Historicamente o modelo mais importante de relação entre ciência e religião é o do ‘conflito’ ou, talvez até mesmo ‘luta’. Esse modelo fortemente antagonista continua a influenciar profundamente os debates populares, mesmo se amenizado entre os estudiosos”.

O principal ponto da polêmica entre ciência e religião pode ser vista na questão das origens da humanidade. Durante vários séculos o ser humano e sua evidente complexidade encontraram uma explicação privilegiada através do relato do Gênesis, o qual apresenta Deus como o autor do milagre da vida. No entanto, hoje, a maioria dos cientistas concorda que essa não é uma boa resposta (pelo menos não da forma como o Gênesis apresenta a origem da vida). Comentando a respeito do poder explicativo do darwinismo sobre essa questão, Richard Dawkins afirma:

Antes de Darwin, um ateu poderia ter afirmado, pautando-se em Hume: “Não tenho explicação para a complexidade do design dos seres vivos. Tudo o que sei é que Deus não é uma boa explicação, portanto devemos aguardar e esperar que alguém avenge algo melhor”. Não posso deixar de sentir que tal atitude, ainda que logicamente correta, não satisfaria ninguém; penso igualmente que, antes de Darwin, o ateísmo até poderia ser logicamente sustentável, mas que só depois de Darwin é possível ser um ateu intelectualmente satisfeito.⁵

Richard Dawkins, professor de Zoologia em Oxford (Inglaterra) é considerado hoje o maior expoente vivo do darwinismo. O título do livro de onde foi tirada essa citação já dá uma ideia da categoria do conflito, pois em “O Relojoeiro Cego – a teoria da evolução contra o desígnio divino”, Dawkins tenta demonstrar, contra a visão criacionista, que a seleção natural não é aleatória, que ela segue regras estritas e definidas e que o debate sobre a evolução não pode se reduzir ao binômio acaso versus desígnio.

Para evitar o conflito entre ciência e religião, muitos apelam para a categoria da Independência, segundo a qual não há a necessidade de existir a luta entre essas duas áreas, visto que elas se referem a aspectos diferentes da existência humana. A ciência diz respeito a fatos objeti-

⁴ Alister MacGrath é formado em química e doutor em biofísica molecular; também cursou teologia em Oxford e Cambridge direcionando seus estudos para o tema da interação histórica entre ciência e religião. Atualmente é professor em Oxford. McGRATH, Alister E. **Fundamentos do diálogo entre Ciência e Religião**. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p.62

⁵ DAWKINS, Richard. **O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 24

vos, preocupa-se em saber como o mundo funciona; já a religião está mais relacionada ao subjetivo, à realidade última, ao sentido e valores da vida. Esse posicionamento é uma tentativa de manter ciência e religião restritas a um campo próprio, com metodologia e linguagem próprias, evitando cada uma fazer declarações sobre o domínio da outra, de uma forma que a distância e diferença entre ambas garantam que não haverá discordâncias. Barbour aponta dois aspectos da defesa da tese da independência.

Primeiro, ciência e religião são independentes porque tratam de domínios separados do conhecimento. Esse posicionamento tem representantes tanto entre os religiosos como entre os cientistas. Entre os religiosos destaca-se a corrente da neo-ortodoxia a qual tem em Karl Barth um de seus principais teóricos. Essa corrente admite que

a esfera principal de Deus é a história, e não a natureza. Os cientistas são livres para prosseguir com seu trabalho sem a interferência da teologia e vice-versa, uma vez que seus métodos e objetos de estudo são totalmente diversos. A ciência baseia-se na observação e razão humanas, enquanto a teologia baseia-se na revelação divina.⁶

Pelo lado dos cientistas temos como principal defensor da independência, Stephen Jay Gould com o seu princípio básico dos *magisteria* não sobrepostos (NOMA⁷), indicando que cada área tem um domínio separado para se pronunciar.

Segundo, a independência pode ser invocada com base na tese de que ciência e religião utilizam linguagens diferentes e cumprem funções também diferentes.

A ciência e a religião cumprem papéis completamente diferentes, e nenhuma delas deve ser julgada pelos padrões da outra. A linguagem científica é utilizada fundamentalmente para fins de prognóstico e controle. [...] A ciência formula perguntas cuidadosamente delimitadas sobre fenômenos naturais. Não podemos esperar que ela cumpra papéis que não são seus, como fornecer uma visão de mundo integral, uma filosofia de vida ou um conjunto de normas éticas. [...] As funções específicas da linguagem religiosa, de acordo com os analistas lingüísticos, são as de recomendar um modo de vida, explicitar um conjunto de atitudes e estimular a adesão a determinados princípios morais.⁸

⁶ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 33

⁷ Non-overlapping *magisteria* [NOMA], onde magisteria significa um domínio de autoridade doutrinal.

⁸ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 35

Já Alister McGrath, apesar de não ter uma forma de explicitar a categoria de independência, comenta:

A ênfase nas diferenças entre ciência e religião encontra-se nos escritos de muitos estudiosos norte americanos [...]. Langdon Gilkey [...] defende a ideia de que as ciências naturais e a teologia representam modos independentes e diferentes da realidade. As ciências naturais perguntam pelo “como” enquanto a teologia busca o “porque” da realidade.⁹

Segundo Barbour a tese da independência é útil para responder àqueles que pensam que o conflito é inevitável, no entanto, ela impede um encontro mais frutífero entre ciência e religião como demonstrado nos dois tipos de relação apresentados a seguir.

Outra forma de entender essas relações é através da categoria do Diálogo. Esse diálogo pode surgir na reflexão sobre questões limites que extrapolam o fato científico, (como por exemplo, qual a origem da ordem do universo?). O emprego de analogias científicas tem sido usado como exemplo das relações entre Deus e o mundo, como por exemplo, a transmissão de informação genética que tem seu paralelo religioso como meio de se explicar o contato entre a divindade e a humanidade. Essas questões demandam explicações que são dadas por ambos os campos, mas respeitando-se a integridade de cada um. O diálogo pode surgir quando ambos os campos explicativos não encontram respostas para um determinado questionamento ou ambos concordam em um determinado ponto. Conforme comenta Barbour,¹⁰

O diálogo modela relações mais construtivas entre ciência e religião [...], pode emergir da consideração dos pressupostos da especulação científica, ou da abordagem das semelhanças entre os métodos da ciência e da religião ou da análise dos conceitos de uma área análogas aos da outra. Ao comparar ciência e religião, o Diálogo enfatiza as semelhanças entre pressupostos, métodos e conceitos, enquanto a independência enfatiza as diferenças.

Podemos ainda citar McGrath¹¹ o qual destaca que a convergência entre ciência e religião geralmente resulta na acomodação da crença religiosa aos dogmas científicos:

Ciência e religião são convergentes. São inúmeros os teólogos cristãos ocidentais que acentuam a ideia de que “toda verdade é

⁹ McGRATH, Alister E. **Fundamentos do diálogo entre Ciência e Religião**. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 68

¹⁰ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 38

¹¹ McGRATH, Alister E. **Fundamentos do diálogo entre Ciência e Religião**. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 67.

verdade de Deus”. Baseados nessa premissa acolhem com satisfação os avanços e desenvolvimentos da compreensão científica do universo, acomodando-os a fé cristã. Tal atitude exige inevitavelmente ajustes no conteúdo da fé em diversos pontos. Essa tendência terá começado com o deísmo inglês no século XVII, embora só se tenha firmado no século XIX.

Nota-se que McGrath cita aqui o Deísmo como uma forma de diálogo. O Evolucionismo Deísta é uma das cosmovisões ou estruturas conceituais caracterizadas por Nahor (2005). Pode-se dizer que essa categoria configura uma forma de diálogo ou até mesmo uma tentativa de integração, já que um dos princípios deístas é que Deus é imprescindível no processo evolutivo, onde (segundo essa visão) Deus em algum momento do passado originou a vida e orientou os mecanismos de formação dos sistemas biológicos, apesar de ter se distanciado do universo criado. Nessa concepção, Deus é um ente distante e desinteressado pelos negócios humanos, ou seja, Deus é necessário como hipótese explicativa da origem (o primeiro motor), e criou leis que governam o universo de maneira automática, Ele não interfere mais na realidade criada, o universo funciona como um relógio automático, daí a metáfora do relojoeiro tão cara aos deístas. Vemos aí uma evidente tentativa de acomodação entre verdades religiosas e científicas.

O ápice da aproximação entre ciência e religião é captado pela categoria da Integração, a qual envolve as iniciativas científicas de procurar na natureza, através do método científico, uma “prova” da existência da divindade (teologia natural, design inteligente) e também as iniciativas religiosas de reformular suas crenças com base nas descobertas da ciência, como por exemplo, aceitar o Big Bang como explicação legítima para a origem do universo considerando Deus como o autor do processo. Outro exemplo é a *teologia do processo*, derivada da filosofia do processo de Whitehead, a qual busca reformular as concepções religiosas adequando-as a uma visão evolucionista do mundo.

O mundo atual caracteriza-se por constantes e conflitantes discussões acerca de concepções religiosas e científicas quanto à origem da vida e do universo, no entanto, esforços devem ser envidados para permitir que essas áreas possam contribuir uma com a outra para o desenvolvimento do conhecimento humano. Entendemos que as relações entre ciência e religião são complexas, não podendo ser capturadas totalmente dentro de um único quadro explicativo, mas acreditamos que o modelo conceitual adotado se revelará frutífero para entendermos as perspectivas dos professores sobre essas relações.

CATEGORIAS OU ESTRUTURAS CONCEITUAIS SOBRE AS ORIGENS

As explicações científicas e religiosas sobre as origens do homem e do universo encontram-se naquelas áreas onde ciência e religião podem se sobrepor uma à outra ao proporem suas respostas. Geralmente se faz o corte explicativo das origens depender da crença na existência de uma divindade, ou seja, perspectivas ateístas e teístas, fazendo o debate corresponder aos termos evolução e criação. No entanto, o debate é bem mais complexo do que o captado por essa visão dicotômica, já que dentro dessas categorias de ateístas e teístas existem várias visões e divisões explicativas. Descreveremos em seguida as principais utilizadas nessa pesquisa. Seguiremos principalmente as pistas apontadas pelo professor de Ciência e Religião do Unasp, o geólogo Nahor Neves Souza Jr., o qual, em sua obra *Uma Breve História da Terra*, busca caracterizar esses paradigmas ou estruturas conceituais sobre as origens.

No capítulo VII, chamado Estruturas Conceituais, o prof. Nahor apresenta sete paradigmas explicativos sobre as origens (evolucionismo naturalista, evolucionismo agnóstico, evolucionismo panteísta, evolucionismo deísta, evolucionismo teísta, criacionismo progressivo e criacionismo bíblico). Para os propósitos desta investigação, optamos por selecionar quatro dessas categorias, as quais, pensamos, poderiam captar, de uma maneira mais clara, as relações entre ciência e religião na perspectiva dos professores. Dessa forma, apontaremos somente os postulados básicos segundo apresentados pelo professor Nahor, e deixarmos os comentários para a seção de resultados e discussão.

EVOLUCIONISMO NATURALISTA

- A matéria existiu sempre ou surgiu por acaso;
- A vida originou-se a partir de matéria inerte (abiogênese);
- Todos os organismos atuais descendem de um ancestral comum;
- Os seres vivos desenvolveram-se, casualmente, para níveis de maior complexidade.

EVOLUCIONISMO TEÍSTA

- Deus criou a matéria com propriedades evolutivas, no entanto teria existido possibilidade ou liberdade para o desen-

volvimento das mutações e da seleção natural;

- Deus coordena o processo contínuo da evolução, intervindo em determinadas ocasiões, para facilitar processos mais complexos, como, por exemplo, o surgimento da vida, mudanças macroevolutivas, etc.;
- Deus participou mais efetivamente no processo evolutivo, por ocasião do aparecimento do “Homo sapiens”, imprimindo nele características mentais mais nobres, relativamente à fase anterior.

CRIACIONISMO PROGRESSIVO

- Deus criou, progressivamente, ao longo de vastos períodos de tempo, conforme a seqüência observada no registro fóssil;
- Os dias da criação não teriam sido literais, mas sim representariam períodos de mil anos ou mais (teoria dos dias-eras).

CRIACIONISMO BÍBLICO

- Os relatos contidos no Gênesis sobre as origens da vida e do homem, e também sobre o Dilúvio constituem verdades históricas;
- A vida no planeta Terra foi criada há aproximadamente 6.000 anos, durante um período de seis dias literais;
- O homem foi criado através de um ato especial do próprio criador e sua compleição física era um reflexo do próprio criador, ou seja, o homem foi criado com uma forma física muito semelhante à que ele apresenta hoje;

Na seção seguinte esses postulados serão relacionados às categorias de conflito, independência, diálogo e integração, buscando traçar um quadro das relações entre ciência e religião e do seu significado na visão dos professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A EXISTÊNCIA DE DEUS

Começaremos com esse item em especial por ele ser o pressuposto aceito ou não aceito de toda a discussão entre ciência e religião. Existem vários argumentos a favor e contra a existência de Deus, tanto de ordem teológica, filosófica como também científica.

A favor da existência de Deus, a ordem teológica encontra na escritura sagrada judaico-cristã o seu principal fundamento, uma vez que ela afirma que no princípio Deus criou o mundo. Por sua obviedade não nos deteremos neste aspecto.

Do lado filosófico, a principal fonte de argumentos a favor da existência de Deus pode ser encontrada em Tomás de Aquino (1225-1274) o mais influente teólogo da idade média, cuja *cinco vias* se tornou a base de todas as posteriores discussões a respeito do assunto. Na estrutura de cada um dos cinco argumentos de Aquino jaz a lógica aristotélica da causa necessária para o movimento, ou seja, todas as coisas são movidas por outras coisas, cada coisa tem sua causa que, por sua vez, também tem sua causa, e para se evitar regredir ao infinito, conclui-se logicamente pela existência de uma causa original que colocou todas as outras coisas em movimento. A partir daí Aquino conclui que a primeira causa não seria outro que não Deus.

Para a finalidade desse estudo nos concentraremos nos argumentos que tem mais relação com a ciência na argumentação para a existência de Deus. Apresentaremos os dois principais: o argumento cosmológico e o argumento teleológico.

O *argumento cosmológico* é construído com base no raciocínio de Aquino sobre a necessidade de uma causa primeira, pressupondo a existência do universo e que essa existência precisa ser explicada. De uma forma sucinta ele poderia ser assim explicitado: todas as coisas que existem precisam de uma causa, de uma origem. O universo existe e precisa de uma causa, logo a origem do universo só pode ser atribuída a um ser que existia antes do universo e que tivesse o poder de tê-lo originado, ou seja, Deus. Diante da afirmação da ciência atual de que o universo teve uma origem, isto é, o Big Bang, este argumento se tornou novamente pertinente, já que ele pode ser relacionado diretamente à pergunta, o que causou o Big Bang?

O *argumento dos fins, ou teleológico* (do grego *telos*, que quer dizer plano, finalidade) é também uma das cinco vias de Tomás de Aquino, e tem que ver com o governo das coisas ou a presença de uma ordem na natureza, isto é, as coisas não simplesmente existem, mas existem

relacionadas umas às outras, o próprio universo dá uma ideia de sistema complexo funcionando através de leis inteligíveis e regulares. Este tipo de pensamento encontrou em Newton um de seus principais defensores, “Este belíssimo sistema no qual estão o Sol, os planetas e os cometas somente poderia proceder do desígnio e do poder absoluto de um Ser inteligente e poderoso.”¹² É necessário que se diga que o pensamento mecanicista de Newton deu origem ao Deísmo, pois este raciocínio levado ao extremo acaba afirmando que o universo funciona como um relógio, seguindo leis estritas, isto é, como um mecanismo que obviamente foi criado mas que não precisa mais do criador para funcionar. Conclui-se, então, que Deus foi o organizador do sistema, mas não é mais necessário hoje para mantê-lo funcionando. O Deísmo pressupõe, então, a existência de Deus, diferindo do Teísmo tradicional por ver a atuação de Deus no mundo de uma maneira diferente, ou seja, para o Deísmo, Deus não se relaciona mais com o mundo.

Dentre as perguntas respondidas nenhuma outra teve um índice tão grande de opção pela categoria independência que essa sobre a existência de Deus, pois 64% dos professores responderam que “O cientista não deve transpor os limites da metodologia científica, portanto não se pode defender nem o ateísmo nem o teísmo”. Talvez isso se deva a uma tentativa de se evitar que a ciência extrapole limites, o que já pressupõe que ela tem seus limites ou fronteiras de ação, geralmente entendida como tudo aquilo que obedece às leis da natureza, as quais não admitem intervenções sobrenaturais. Assim, a ciência, na visão desses professores, deve se ater a questões do mundo natural e não interferir ou emitir declarações que afirmem ou neguem a existência de Deus.

Gráfico 1 – Respostas à questão sobre a existência de Deus



Fonte: pesquisa direta (2008)

¹² GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida, 2006. p. 96

Deve-se notar, no entanto, que, para muitos cientistas ateus, não existe problema algum em a ciência afirmar que “Deus não existe, a ciência prova que a realidade material é a única possível”, pois já que tudo aquilo que pode ser provado e comprovado pertence à ordem natural, segue-se que nada existe além da natureza. Com esse ponto de vista de conflito concordaram apenas 3% dos professores. Nota-se que foi o menor índice optado entre todas as respostas que caracterizaram a categoria do conflito, o que parece indicar que os professores entendem que a ciência tem seus limites e que realmente não tem como se manifestar sobre questões sobrenaturais.

A categoria do diálogo não foi optada nas respostas e a categoria da integração está bem representada por mais de um terço dos professores (33%), para os quais “A extrema complexidade do corpo humano e a ordem presente na natureza demonstram a existência de um planejador/criador por trás da realidade material. Nesse sentido, a ciência pode ser utilizada para comprovar a existência de Deus”. Esta resposta é claramente uma manifestação do argumento teleológico e talvez a maioria desses professores não saiba, mas vários dos fundadores da ciência moderna eram adeptos do que se convencionou chamar de *teologia natural*, ou seja, a visão de que a natureza demonstra evidências de um planejamento consciente. No século XVIII o *argumento teleológico* para a existência de Deus encontrou em William Paley um dos seus maiores defensores quando afirma em sua obra *Teologia Natural*¹³ (1802) que se achássemos um relógio em um pântano nem por isso pensaríamos que o relógio estaria ali por acaso. Concluiríamos indubitavelmente pela existência de um criador inteligente para o relógio, da mesma forma a estrutura extremamente complexa dos organismos vivos só podem ter se originado de um planejador inteligente.

No séc. XIX, esse argumento sofreu o seu principal revés com a publicação do livro *Origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin, e hoje em dia o argumento do desígnio tomou a forma do movimento do *Design Inteligente* ou simplesmente D.I., levando-se em consideração que esse movimento afirma não se preocupar em encontrar ou defender uma identidade para o designer (projetista/desenhista), restringindo-se somente a identificar as evidências de design (projeto/desenho). O movimento é bem amplo em seu espectro, admitindo até mesmo cientistas evolucionistas teístas, como é o caso de Michael Behe, bioquímico e professor na universidade Lehigh, autor do que é considerado a obra-prima do movimento D.I. o polêmico livro *A Caixa Preta de Darwin*,

¹³ O título completo da obra é *Natural Theology; or Evidences of the Existence and Attributes of the Deity, Collected from Appearances of Natures* (Teologia natural; ou evidências da existência e atributos da divindade, reunidas das aparências da natureza).

no qual Behe argumenta a respeito das evidências de planejamento na natureza através do conceito de *Complexidade Irredutível*. Esta obra defende que existem estruturas bioquímicas complexas que não podem ser explicadas pelos mecanismos evolutivos do Neodarwinismo. Para a maioria dos cientistas, o movimento do D.I. não passa de criacionismo travestido de ciência; é o que pensa Eduardo Rodrigues Cruz, professor de ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP):

A Teoria do Plano Inteligente (IDT) é a forma de criacionismo mais nova, mais sofisticada e menos marcadamente religiosa que agora se importa dos Estados Unidos. Contrariamente aos seus predecessores mais vulgares, seus princípios básicos são abertos ao debate científico, e há uma discussão em andamento a este respeito em muitos círculos acadêmicos. Apesar do que eles próprios defendem, entretanto, os proponentes da IDT colocam-se como sendo “a ponte entre ciência e religião”, dificilmente escondendo a base religiosa da teoria em questão. Até o momento, a IDT não tem se disseminado no Brasil, mas não se pode prever o futuro.¹⁴

Atualmente, o movimento do D.I. no Brasil é representado principalmente por Enézio E. de Almeida Filho mestre em Filosofia e História da Ciência pela PUC-SP e Coordenador do Núcleo Brasileiro de Design Inteligente (NBDI), o qual tem atraído curiosa audiência principalmente em eventos criacionistas. O fato de 33% dos professores terem optado pela categoria da integração demonstra que o argumento que afirma que a complexidade da vida implica a existência de um designer inteligente ainda tem um poderoso apelo mesmo para as mentes escolarizadas.

ORIGEM DO UNIVERSO

Hoje a ciência calcula que o universo exista há pelos menos 15 bilhões de anos, ou seja, a existência humana é um episódio muito recente dentro desse quadro maior. No entanto, a questão da idade do universo não é tão controversa quanto a questão de sua origem, “porque existe alguma coisa em vez do nada?” é uma das mais antigas e importantes questões já elaboradas pelo gênio humano. Atualmente a explicação para a origem do universo que tem mais respaldo da comunidade científica é a do Big Bang, isto é, a ideia de que no instante $t=0$ (início do

¹⁴ CRUZ, Eduardo Rodrigues. **Criacionismo, lá e aqui**. Disponível em <http://www.comciencia.br/200407/reportagens/15.shtml>. Acessado em 05/04/2006.

tempo) uma súbita expansão cósmica (big bang) teve lugar, a qual foi crucial para a evolução posterior do Universo.

Para os cientistas naturalistas, o universo, como existe, deve-se unicamente ao fato de causas físicas operando de uma maneira aleatória. Não obstante, mesmo cientistas ateus percebem as implicações religiosas dessa enorme “coincidência” chamada universo, como é o caso do famoso físico Stephen Hawking ao afirmar que “as chances contrárias ao surgimento de um universo como o nosso a partir de algo como o big-bang são enormes. Acho que existem claras implicações religiosas.”¹⁵

Sabemos que um dos principais relatos da cultura humana sobre a origem do universo é encontrado em Gênesis 1, onde Deus cria o universo a partir do nada. Perguntamos aos professores o que pensavam das relações entre ciência e religião quanto à questão da origem do universo, e 46% optaram pela categoria do diálogo, respondendo que “A física e a teologia podem concordar que o universo é inteligível, sem, no entanto atribuírem essa inteligibilidade às mesmas causas”.

Gráfico 2 – Respostas à questão sobre a Origem do Universo



Fonte: pesquisa direta (2008)

A inteligibilidade do universo é considerada por cientistas religiosos como uma das principais evidências da operação de uma inteligência superior na formação do universo, já que existe uma racionalidade tanto no objeto (mundo) quanto no sujeito (homem) que permite à men-

¹⁵ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p.70

te humana a compreensão das leis que regem a existência do mundo. Quando a ciência moderna estava no seu início (séc. XVII) esse fator era considerado como autoevidente e mesmo um pressuposto para a pesquisa científica já que “O mundo foi criado por um Deus infinitamente inteligente e de poder ilimitado. Tudo o que essa divindade criou [...] deve ser a expressão dessa inteligência e nada pode resistir a essa expressão [...]. Não podia haver coisa alguma acidental ou irracional nesse mundo”.¹⁶ A racionalidade humana era considerada uma tributária da racionalidade divina, e assim também com as leis que regem o universo, pois “Deus tinha criado o universo e era esperado que todos os fenômenos da natureza seguissem um único plano-mestre. Era quase certo que uma única mente criadora do universo tinha empregado um só conjunto de princípios básicos para governar os fenômenos relacionados”.¹⁷ No entanto, com o passar do tempo e o triunfo do naturalismo na ciência, a inteligibilidade do universo passou a ser considerada como algo inerente à própria estrutura da matéria ou como um atributo unicamente da mente humana, isto é, a própria mente que projeta a organização sobre um universo não necessariamente organizado.

A opinião de que ciência e religião têm realidades diferentes (independentes) a serem estudadas foi o posicionamento de 24% dos professores, os quais responderam que “A origem do universo deve ser estudada em si mesma, porque o universo é uma realidade independente, distinta do Deus que o criou. É legítimo que a ciência examine a origem do universo separadamente de Deus, ao passo que a religião tem de afirmar que a origem do universo depende essencialmente de Deus”.

Compreendemos que a ênfase em se manter as áreas de pesquisa isoladas é uma tentativa de se evitar as interferências muitas vezes indevidas, mas inevitáveis da religião na ciência. Essa interferência de valores e visões religiosas na pesquisa científica é considerada como uma forma de atraso cultural que visa bloquear o avanço da ciência. Tome-se, como exemplo, o caso das pesquisas com células-tronco embrionárias que vêm sendo alvo constante de críticas pelos setores religiosos mais conservadores.

Contudo, a categoria da independência serve também para proteger a visão religiosa da interferência científica, visto que para certos grupos religiosos não importa muito se a ciência “prova” que a criação do universo é meramente fruto de forças impessoais, uma vez que a fé religiosa não depende da prova e nem se baseia na evidência. Assim,

¹⁶ PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. **A alma da ciência**. Tradução Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p.298

¹⁷ Kline apud PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. **A alma da ciência**. Tradução Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p.150

a ciência pode fazer afirmações ditas “científicas”, desde que não extrapole essas explicações para obter significados religiosos. O que se percebe neste âmbito é que tal limitação torna-se muito difícil dadas as áreas de explicação sobrepostas que existem nos discursos científicos e religiosos.

Nesse sentido é que 18% dos professores entendem que “A leitura do texto bíblico sobre a criação do universo diretamente por Deus no livro do Gênesis não é compatível com a perspectiva científica da física atual que afirma que o universo é resultado de uma explosão cósmica, ou seja, fruto de um processo não direcionado”. Entenda-se que a escolha pela categoria do conflito não indica em que polo do espectro científico ou religioso o respondente está, mas nos aponta que sua perspectiva é de não conciliação entre esses relatos, isto é, ou Deus criou o universo ou o universo é fruto de evolução cósmica sem nenhum propósito.

Por outro lado, é cada vez maior o número daqueles que encontram na própria explicação científica a evidência ou mesmo a prova da atuação de uma inteligência divina na criação do universo, como se pode perceber na afirmação de Freeman Dyson: “Quanto mais examino o universo e os detalhes de sua arquitetura, mais encontro indícios de que o universo de certo modo, devia saber que nós iríamos surgir”.¹⁸ Esse posicionamento representa aqui 12% dos professores, os quais concordaram que “A teoria da física sobre o Big Bang que afirma que o universo teve um início é compatível com a visão bíblica que Deus criou o universo a partir do nada”. De fato, quando do início da explicação através do Big Bang, alguns cientistas se opuseram a essa explicação com base em preconceitos puramente religiosos, isto é, devido à inegável semelhança da doutrina cristã da criação ex-nihilo com essa nova teoria que afirmava que em determinado momento o universo passou a existir através de uma grande explosão. Isso contrariava as crenças materialistas adotadas por muitos cientistas naturalistas que afirmavam que a matéria era eterna e conseqüentemente que o universo sempre teria existido.

A evidência advinda dos estudos astronômicos fez com que mesmo alguns cientistas declaradamente agnósticos fizessem uma ligação entre os dados científicos e a crença no Criador, tal como o famoso astrônomo Robert Jastrow que em seu livro *God and the Astronomers* (Deus e os astrônomos) declara:

Agora vemos como a evidência astronômica leva a uma visão bíblica da origem do mundo. Os detalhes divergem, mas os elementos essenciais presentes tanto nos relatos astronômicos quan-

¹⁸ BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 70

to na narração do Gênesis são os mesmos: a cadeia de fatos que culminou com o homem começou repentinamente e num momento preciso do tempo, num flash de luz e energia.¹⁹

É bem verdade que atualmente existem várias explicações naturalistas que interpretam o Big Bang como um evento totalmente singular, contudo consideram-no um fato unicamente natural. Para alguns o fato de estarmos aqui hoje neste universo pode ser simplesmente resultado de que existam milhares de universos paralelos e a este coube a sorte de ter dado certo, ou seja, dentro de uma quantidade infinita de universos possíveis algum tinha de funcionar corretamente. É desnecessário dizer que esse tipo de explicação não tem base científica e que, na verdade, está mais para especulação metafísica do que para ciência. Sem embargo, isso serve para demonstrar a quantidade de fé necessária para se acreditar em algumas das conclusões da ciência de nossos dias.

O SURGIMENTO DO HOMEM

Na visão cristã de natureza humana, o homem geralmente é retratado como possuindo atributos físicos e intelectuais quase divinos, e, via de regra definido como pertencente a uma ordem superior e qualitativamente diferente do restante do reino animal e destacando-se principalmente pelas capacidades de linguagem articulada e autoconsciência. No entanto, desde a publicação de “A Origem das Espécies”, de Darwin (1859), a sugestão de que o homem descenderia de formas de vida inferiores provocou controvérsias e levantou oposições. Lembremos do célebre debate entre Huxley e o bispo Samuel Wilberforce, quando o espirituoso bispo perguntou ao cientista Huxley se ele descenderia de macacos da parte de mãe ou da parte de pai!

Na opinião de muitos naqueles tempos, a explicação darwinista contradizia frontalmente o relato bíblico da criação do homem em Gênesis e isso em vários detalhes. Um dos pontos é a afirmação de Gênesis de que o homem tinha saído das mãos do próprio Criador, feito à sua imagem e semelhança; outro ponto é que um longo período de transformações evolutivas é incompatível com o relato da criação do mundo em 6 dias, isso é claro se a leitura do texto for considerada literal. Uma leitura metafórica do Gênesis foi a solução encontrada por muitos para tentar conciliar esses relatos religiosos sobre a origem humana com a explicação científica.

Tendo em vista que a explicação darwinista, a qual afirma que o homem é o produto de longas transformações evolutivas, é o relato do-

¹⁹ GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida, 2006.

minante no meio acadêmico, achamos pertinente investigar qual a visão dos professores sobre o surgimento do homem.

Quanto a essa questão, quase metade dos professores (49%) caracterizaram a categoria de conflito, respondendo que “a leitura do texto bíblico sobre a criação do homem diretamente por Deus no livro do Gênesis não é compatível com a perspectiva científica atual que afirma que o homem é resultado de um longo processo evolucionário.”

Gráfico 3 – Respostas à questão sobre o Surgimento do homem



Fonte: pesquisa direta (2008)

Um quarto dos professores (24%) adotaram a ideia predominante hoje nos meios religiosos e científicos, isto é, o teísmo evolucionista, pois entendem que “a Bíblia pode ser interpretada de forma compatível com a ideia de que, biologicamente, o homem é o resultado de um processo evolutivo, desde que se creia que em algum momento Deus lhe conferiu atributos espirituais especiais.” Esse posicionamento exige uma leitura simbólica para os relatos da criação em Gênesis, aceita a evolução insistindo na necessidade de uma criação especial para a alma humana. Foi fazendo coro a essa opinião que o papa João Paulo II afirmou em 1996 que “a teoria da evolução é mais que apenas uma hipótese. [...] a evolução é compatível com a fé cristã”. Segundo Souza Jr.²⁰ esse modelo explicativo das origens é o que revela as maiores incongruências entre ciência e religião, já que a tentativa de associar o evolucionismo com a Bíblia exige a reinterpretação dos onze primeiros

²⁰ SOUZA JR, Nahor N. **Uma breve história da Terra**. 2.ed. Brasília, DF: SCB, 2004.

capítulos de Gênesis, entendendo-os não como registros históricos, mas como folclore e mitologia do povo hebreu. No entanto, nesta pesquisa, esse modelo é percebido como um dos tipos de integração do relato científico com o religioso.

Caracterizando respectivamente o diálogo e a independência 21% dos professores concordaram que “pode haver semelhanças na explicação do surgimento do homem pela ciência e pela religião, mas não uma harmonia entre essas explicações” e uma minoria de 6% é da opinião de que “a interpretação do texto bíblico de Gênesis e a teoria evolucionista pertencem a domínios separados do pensamento humano, dessa forma, não se pode retirar conclusões científicas do relato bíblico e também não se pode retirar conclusões religiosas da teoria evolucionista”.

Entendemos que em relação à explicação do surgimento do homem através do relato bíblico ou evolucionista, a maioria optou pela não compatibilidade desses relatos. Essa resposta não identifica se a tendência aqui é criacionista ou darwinista, pois a resposta enfatiza na verdade a adoção de um posicionamento radical sobre o assunto, podendo ser um ou outro. No entanto, percebemos um movimento em direção a relações mais próximas entre ciência e religião, já que quando somamos as categorias de integração e diálogo, temos 45% dos professores, ou seja, quase a metade deles.

Concluimos, portanto, que neste assunto há uma forte tendência de polarização (conflito) e de aproximação (diálogo e integração), mas não de distanciamento (independência), ou seja, na visão dos professores não se pode apelar para uma diferença intrínseca entre as explicações científicas e religiosas em relação ao surgimento do homem. Ciência e religião estão próximas seja concorrendo ou cooperando em suas explicações.

ORIGENS DA VIDA NO PLANETA TERRA: INTEGRAÇÃO OU CONFLITO?

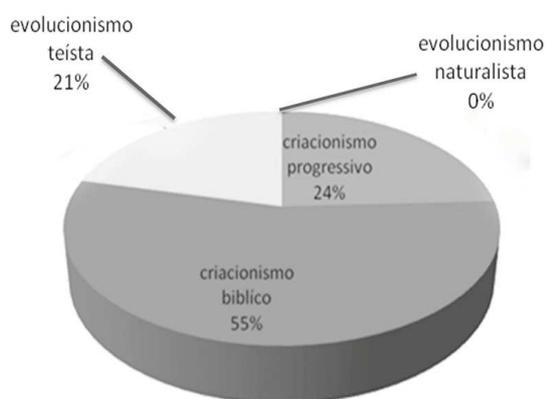
Para testar as opções que caracterizam os extremos polares das relações entre ciência e religião, isto é, as categorias do conflito e da integração, preparamos uma pergunta com quatro opções de resposta, duas das quais dão ideia de visão de conflito (alternativas b e d); uma na perspectiva criacionista (b) e uma na perspectiva evolucionista (d); e duas que transmitem a ideia de integração, seja através do conceito de criacionismo progressivo (a); seja através do conceito de evolucionismo teísta (c). Essas opções serão explicitadas a seguir.

Ao ser questionada quanto à sua opinião sobre a origem da vida no planeta Terra, mais da metade dos professores (55%) respondeu que “Foi criada diretamente por Deus em um passado bem recente”, e ne-

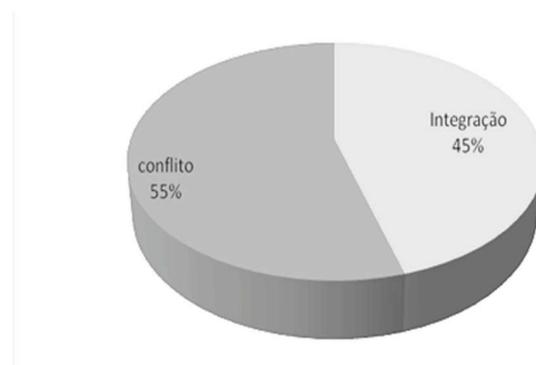
nhum dos entrevistados optou pela alternativa (d) a qual afirmava “A vida originou-se por acaso, a partir de matéria inerte, desenvolvendo-se naturalmente para níveis de maior complexidade ao longo de bilhões de anos”. Ambas caracterizavam o conflito, no entanto só a alternativa mais extrema do lado criacionista foi escolhida.

Gráfico 4 – Respostas à questão sobre a Origem da Vida

ORIGEM DA VIDA POR PARADIGMAS DAS ORIGENS



ORIGEM DA VIDA



Fonte: pesquisa direta (2008)

Quanto às categorias de integração, a maioria dos professores optou por (a) afirmando que a vida “Foi criada diretamente por Deus ao

longo de vastos períodos de tempo”, o que caracteriza o paradigma do criacionismo progressivo que é uma forma de tentar conciliar o relato bíblico de Gênesis (religião) com a coluna geológica (ciência) sem apelar para a evolução. O evolucionismo teísta foi optado por 21% dos professores que escolheram a alternativa (c) concordando que a vida “Foi criada por Deus através de um processo contínuo de evolução ao longo de bilhões de anos”. Quando comparamos os gráficos abaixo percebemos que a categoria do conflito (neste caso somente o criacionismo bíblico) recebeu mais da metade das preferências, no entanto quase a metade dos professores tentou conciliar os relatos bíblicos aos científicos apelando para as explicações do criacionismo progressivo e do evolucionismo teísta.

ORIGENS DO HOMEM: INTEGRAÇÃO OU CONFLITO?

Nesta questão também procuramos entender as preferências nos extremos das categorias de conflito e integração, dessa forma quase 70% (69,70%) dos professores responderam que a origem do homem “Deu-se através de um processo de criação divina em 24 horas literais conforme o relato bíblico” (uma das duas opções que caracterizavam o conflito) . O interessante foi que nenhum dos professores optou pela outra opção de conflito a qual afirmava que a criação do homem “Deu-se pelo processo evolutivo através da seleção natural, sem nenhuma interferência sobrenatural na origem nem na condução do processo, conforme é explicado pela ciência”.

Os que escolheram as opções caracterizavam a categoria da integração ficaram assim distribuídos: 3% concordaram que a criação do homem “Deu-se através de um processo de criação divina ao longo de um grande intervalo de tempo, não necessariamente as 24 horas do relato bíblico”, uma afirmação típica do criacionismo progressivo o qual, na opção anterior, tinha tido a preferência de 24%! E a maioria caracterizando a preferência pela integração (27,27%), respondeu através do argumento do evolucionismo teísta, pois afirmaram que a criação do homem “Deu-se através de um processo de evolução conduzido pelo poder divino”. Essa opção na questão anterior tinha atraído 21% das respostas. Somando-se as categorias optadas de integração e conflito temos o seguinte gráfico:

Gráfico 5 – Respostas à questão sobre a origem do homem



Fonte: pesquisa direta (2008)

Entendemos que a categoria do conflito atraiu a maioria das respostas (70%), porém observou-se que somente a opção criacionista fundamentalista, ou seja, a criação do homem como apresentada no relato do Gênesis, foi responsável por esse total, enquanto a opção evolucionista não foi optada. Por que essa ênfase tão grande no conflito? Podemos inferir que a disposição para aliar ciência e religião na explicação das origens não fica tão evidente quando se trata do próprio homem, talvez uma forma de proteger a única criatura da Terra que é considerada a própria imagem de Deus, isto é, quando se trata da explicação para a origem do ser humano a maioria dos professores optou pelo relato criacionista em sua forma pura sem o mesclarem com o conceito evolutivo, conforme fizeram na questão anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, vários estudiosos dos mais variados matizes teóricos estão tentando conciliar o avanço científico com suas opções religiosas, isto é, buscam integrar esses dois grandes campos explicativos de uma forma que eles contribuam um com o outro na iluminação das questões limites, ou seja, questões que não encontram soluções a partir dos paradigmas interpretativos do próprios campos. No entanto, dadas as inúmeras dificuldades dessa síntese, essas tentativas de explicação ora privilegiam os aspectos religiosos ora os científicos, fazendo com que uma tenha uma preponderância epistemológica sobre a outra. Tal fato, para os mais ortodoxos, sejam eles teólogos ou cien-

tistas, resulta em um comprometimento da verdadeira fé ou da teoria mais plausível, o que não é uma opção desejável para os mais puristas. Apesar dos perigos inerentes ao processo de acomodar crenças científicas a religiosas, esse movimento parece no momento difícil de ser detido, visto que os avanços da ciência abrem espaço cada vez mais para uma reavaliação dos dogmas religiosos à luz dos novos conhecimentos. Tal fato não é nenhuma novidade, nem mesmo no campo da teologia, que aparentemente seria mais estável em relação ao campo científico, tendo em vista as contribuições da hermenêutica e da arqueologia na interpretação do texto bíblico, ou seja, a ciência já vem dando contribuições ao debate teológico há vários anos.

Quanto à questão específica das origens, arena privilegiada dos embates e também das conciliações entre ciência e religião, cujo debate é, muitas vezes, resumido aos conceitos de evolução e criação embora seja mais amplo, concluímos que o grande concorrente do relato criacionista literal sobre a origem do homem não é outra versão de criacionismo tal como o criacionismo progressivo, nem um relato totalmente materialista como é o caso do evolucionismo naturalista mas sim o evolucionismo teísta, demonstrando assim que mesmo os professores não criacionistas não optam por uma visão inteiramente avessa à participação de fatores sobrenaturais sobre a criação do homem mas tentam integrar o relato científico evolucionista com a crença na origem humana através da condução do processo evolucionário por uma entidade transcendente à própria matéria, ou seja, Deus!

Para aqueles que desejam alcançar o mundo com a mensagem de um Criador que tem uma lei a ser honrada, com destaque especial para a guarda do sábado do quarto mandamento, cuja implicação direta é uma criação literal em seis dias, isso aponta para um novo e grande desafio, ou seja, entender os conceitos de evolução e criação, investigar suas implicações sobre as doutrinas específicas dos adventistas do sétimo dia, de forma a elaborar uma teologia consistente para responder aos desafios que a ciência coloca ao pensamento cristão.